



"Democracia em risco: a pesquisa e a pós-graduação em contexto de resistência."

01 a 05 de
Outubro 2017
SÃO LUÍS - MA

GT12 – Currículo – Pôster 46

BRICOLAGENS PRATICADAS NOS/DOS CURRÍCULOS COTIDIANOS: ITINERÂNCIAS DE UMA PESQUISA EM CURSO

Rafael Marques Gonçalves - ProPEd-UERJ/UFAC-CEL

Agência financiadora: CAPES

Resumo

O texto parte do desenvolvimento da pesquisa de doutorado, que entende que, por meio de conversas, podemos aprender a compreender o cotidiano pesquisado. As itinerâncias investigativas são desenvolvidas na perspectiva das pesquisas no/do/com o cotidiano, lançando mão de conversas com um grupo de professoras, com as quais são buscadas as diferentes formas de *percebersentir* as realidades sociais a partir de sua complexidade e dos inúmeros (des)encontros o percebido e o praticado. O recorte aqui realizado diz respeito à relação daquilo que as professoras *fazemproduzem* em seus cotidianos e as propostas que as orientam, incluindo os materiais didáticos que recebem. Assim, ao compreender as *bricolagens praticadas* nos cotidianos das escolas, é possível perceber como os processos de criação curricular trazem à tona o uso das regras e produtos que foram dados para consumo das professoras inscritas como autoras, como criadoras de currículos *pensadospraticados* nas relações que tecem e atuam cotidianamente nos seus *espaçostempos*.

Palavras-chave: cotidiano escolar; currículos praticados; conversas.

O presente texto, fragmento de uma pesquisa de doutorado em curso, busca trabalhar a maneira como *praticantespensantes* da vida cotidiana (CERTEAU, 1994), atuam na tessitura de modos de estar no mundo e de compreendê-lo transcendem aquilo que as normas, as teorias e as perspectivas hegemônicas consideram válido e ao fazê-lo, subvertem o instituído tecendo instituintes.

As *bricolagens praticadas*, noção que venho desenvolvendo com base Michel Certeau (1994), são tecidas através dos saberesfazeres docentes nos cotidianos das escolas e percebidas através das itinerâncias da pesquisa junto a noção de que todas as práticas são políticas e vice-versa. Assim, compreendo que o currículo, especificamente os *currículos pensadospraticados* (OLIVEIRA, 2012) nos cotidianos escolares, colocam em movimento dinâmicas contra-hegemônicas que, em muitas das vezes, são invisíveis aos modos estabelecidos de legitimação do conhecimento nas/das/pelas escolas.

Neste processo de compreensão, daquilo que existe de criação e reinvenção na produção das bricolagens praticadas cotidianas, tenho buscado atuar fazendo emergir do cotidiano sua riqueza própria e sua especificidade, identificada nos processos subversivos, emancipatórios, de criação curricular entendendo, ainda, que essa identificação auxilia no processo desinvisibilizar (SANTOS, 2004) as existências tornadas invisíveis pelos processos formais de compreensão dos cotidianos das escolas, que nelas só percebe o que falta ou o que segue as normas formais, frequentemente em conflito com os *fazeressaberes* e possibilidades locais.

Por meio de conversas, como ferramenta metodológica e dos estudos nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2008) a pesquisa se desenvolveu em uma escola da rede municipal de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. Portanto, as itinerâncias investigativas foram tecidas por meio de observação/participação nos cotidianos e nas conversas com seus *praticantespensantes*, um grupo de professoras – jamais objetificadas, sempre sujeitos de processos de aprendizagem mútua – dialogando com aquilo que nos oferecem por meio de suas ações/narrativas sobre seus cotidianos, conflitos e prazeres, *fazeressaberes* e interrogações.

Em uma das conversas nos/dos encontros da pesquisa, as professoras relataram que acham válidas as propostas didáticas encontradas em livros didáticos e paradidáticos, sobretudo quando trazem dicas de jogos, atividades, material rico em cores e etc., mas assumem que também “*não dá para seguir à risca*” nada do que está apontado nos materiais, pois os alunos nem sempre conseguem seguir o conteúdo proposto. Por isso surge, com frequência, a necessidade de buscar e desenvolver outras propostas.

Rita - Essa semana na minha turma eu usei um texto do livro didático da Magda Soares. A história era linda, apesar de um pouco grande pra turma, os alunos não deram conta e quando comecei a fazer, tentar né, a interpretação eles começaram a contar uma situação vivida na rua deles. A história deles até tinha a ver com a do livro, se fosse outro tempo eu tinha chamado a atenção, tentado de todas as formas retornar ao livro didático, mas o que eu fiz foi dar valor ao que eles estavam trazendo.

Verônica - A gente sempre precisa buscar outras coisas, mesmo que seja muito rico em desenhos e histórias, os meus alunos, às vezes, não conseguem também entender o texto, ou então estão motivados por outra coisa que aconteceu na comunidade deles. O governo e essas editoras tinham mesmo era que ir dar aula pra ver como tudo acontece de verdade antes de fazer qualquer coisa.

Dialogando com essas narrativas, percebemos que as professoras não se portam de maneira passiva quando submetidas à imposição de propostas externas e seus aspectos teóricos. Elas sabem o quanto sua realidade não está estampada no material que chega à escola que não contempla a diversidade de saberes presentes no cotidiano escolar.

A contribuição de Certeau (1994), quando defende que o “homem ordinário” remodela suas ações e artes de fazer, através das suas astúcias, traz uma perspectiva que anuncia outra forma de percepção das práticas culturais contemporâneas, inscrevendo na compreensão dos modos como se desenvolvem, a criação cotidiana dos praticantes. Certeau desenvolve, nessa compreensão, a noção de *uso* em oposição à ideia de consumo. Pelos modos próprios de usar o que lhes é dado para consumo, as professoras ressignificam suas ações, ou seja, repensam, criam astúcias para lidar com textos e propostas curriculares pensadas longe de suas realidades e possibilidades de trabalho com sua comunidade escolar.

Ou seja, as narrativas aqui apresentadas permitem perceber como os sujeitos comuns fazem uso criativo das normas, com “suas astúcias, seu esfarelamento em conformidade com as ocasiões, suas ‘piratarias’, sua clandestinidade, seu murmúrio incansável, em sua uma quase-invisibilidade” (CERTEAU, 1994, p. 94).

Assim, percebendo o cotidiano escolar como área de produção de ações, como *espaçotempo* de permanente negociação, reinvenção, das artes de fazer, entendemos que isso significa que os sujeitos praticantes do cotidiano usam as propostas didáticas, compreendendo a necessidade de praticar suas astúcias e valorizar outras redes de conhecimentos, o que representa uma percepção contra-hegemônica em relação ao modelo de escola e de ação pedagógica, que os percebe como meros consumidores/repetidores daquilo que é produzido externamente.

Essa negociação de sentido, de teorias e práticas curriculares compõem a produção dos currículos *pensandospraticados*, como elemento integrante dos *espaçostempos* dos cotidianos escolares nas quais os praticantes dos cotidianos fazem usos próprios dos produtos e das regras oferecidas para seu consumo (CERTEAU, 1994). Segundo o autor, os mecanismos de resistência sempre foram exercício de longo tempo e vão sendo definidos de acordo com cada contexto e da inserção dos praticantes nele. Ou seja, os usos sempre serão realizados de formas distintas, e levariam em consideração as diferentes culturas dos cotidianos escolares.

Bianca: - Verdade seja dita, a gente tem que rebolar é muito com todas as dificuldades e falta de material. No meu ponto de vista a gente acaba é refazendo tudo o que mandam. Eles pensam de um jeito e a gente faz de outro...(risos). É muito mais legal quando consigo fazer alguma coisa com a minha turma que eu criei, mesmo que tenha tirado a ideia do livro, mas fomos eu e eles que fizemos, do nosso jeito. E quando dá pra fazer com outra turma? Nossa, fica mais legal ainda!! Lembra, Verônica, ano passado quando fizemos o projeto do trânsito?

Verônica: - O que eu mais gosto de fazer é pegar esses materiais e guardar. Guardo com carinho tudo, mas antes eu recorto um monte de coisas que eu acho que dê pra usar. Ah gente, é isso mesmo, tudo é lindo, muito lindo, mas recortar e usar de outra maneira é melhor (risos). Ano passado na escola fizemos o projeto do trânsito, que a Bianca falou, tinham mandado pra escola um monte de orientações, mas só que do jeito que estava eles tinham pensado que os alunos eram de escola particular. Gente, nossos alunos, pelo menos a maioria deles, andam a pé e usam ônibus, mas quase não saem do bairro que moram. O que nós fizemos foi juntar com todas as outras professoras e pensar tudo de outra maneira, próxima da nossa realidade.

Este excerto permite apreender que nas relações estabelecidas nas/das artes de fazer nos/dos cotidianos, a própria rede institucional está permeada pelo estilo peculiar de cada uma, nas trocas, nas invenções e na resistência. Substituindo a ideia de práticas de consumo, comuns e rotineiras, surgem as “maneiras de fazer”, habitadas pela vontade e pelo desejo dos praticantes na produção de um conhecimento autoral, gerando com isso, currículos *praticadospensados*, cotidianamente.

Assim, as *maneiras de fazer* dos praticantes vão aliar-se a outras regras diferentes daquelas da produção e do consumo oficiais, possibilitando novas *maneiras de utilizar* a ordem regulatória, como na bricolagem do material do projeto de trânsito. Para além do consumo puro e simples, os praticantes desenvolvem ações, fabricam formas alternativas de uso, tornando-se produtores/autores, disseminam alternativas, manipulando, ao seu modo, os produtos e as regras, mesmo que de modo invisível e marginal.

As narrativas das práticas das professoras nos permitem desinvisibilizar o que se passa nas escolas, compreender e trazer evidências de que nós vamos aos poucos e, às vezes bem depressa, até mesmo nos corredores da escola, trocando “descobertas”, graças aos diversos *saberesfazeres* presentes, articulando-os entre si, criando novos e múltiplos conhecimentos. Tanto nas táticas desenvolvidas por professoras e professores, alunos e

alunas, quanto nos usos que esses e essas fazem do que é aprendido na vida e nas escolas, sentimos as práticas cotidianas enredadas às outras diferentes formas de expressão dos conhecimentos, incluídos ou não nas propostas oficiais.

Portanto, quando as professoras conversam sobre as maneiras como se relacionam com propostas curriculares prescritivas e materiais didáticos, mostrando como representam formalidades a serem tornadas realidade por meio de bricolagens praticadas, elas desinvisibilizam os processos de criação curricular nos quais os conteúdos e métodos propostos passam a ter algum significado, ou não, quando em negociação com as práticas e tensionados por elas.

Pensando nessas astúcias e nos usos das professoras, acredito que cada sujeito que compõe e tece o cotidiano escolar é único e apresenta capacidades e habilidades distintas, mas estando juntos e agindo em conjunto, ou seja, de forma solidária, tecem outros significados para suas práticas. Para Ferraço (2008), a função social e política da escola e do currículo seria a de ampliar o horizonte das possibilidades de conhecimento. Assim, isso implica em ampliar também os currículos *praticadospensados* existentes, tornados invisíveis, e a compreensão deles e de seus processos de criação, *fazeressesaberes* docentes nos cotidianos, negligenciados pela maior parte dos estudos e discursos sobre a escola, que insistem em considerá-la *espaçotempo* de repetição e de não-saber.

REFERÊNCIAS

ALVES, N.; OLIVEIRA, I.(orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares:** sobre redes e saberes. Petrópolis: DPetAlli, 2008, p. 39-48.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano 1:** Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERRAÇO, C. E. Ensaio de uma metodologia efêmera ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano escolar. In:OLIVEIRA, I.; ALVES, N.(orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares.** Petrópolis: DP *et Alii*, 2008, p. 101-117.

OLIVEIRA, I. **O currículo como criação cotidiana.** Petrópolis: DP *et Alii*, 2012.

SANTOS, B. S. **Conhecimento prudente para uma vida decente.** São Paulo: Cortez, 2004.